

A maçã e a discórdia

* Paulo Fraletti

I

Sentiu-se Adão com tédio, só, tristonho,
Diante da natureza imensa e bela,
E enquanto abandonado ao sono, em sonho,
Deus fez-lhe uma mulher de uma costela!

Infeliz solitário (homem sem juízo),
Mas destinado a ser eterno (eterno?)
E puro, fez que o mundo — um Paraíso —
Se transformasse num perpétuo inferno!

Oh! o pai dos homens!... Era natural
Que se perdesse para toda a vida!
Mas a culpa foi sua, apenas sua.

Pois, ao pedir uma mulher carnal,
Que a tivesse pedido já vestida...
Assim não pecaria ao vê-la nua!

II

Nem bem nasceu, Eva, no Paraíso,
Tentou Adão por artes de satã...
Daí o mundo ter perdido o juízo,
Transformando-se em feira de maçã!

Não há lugar nenhum neste universo
Sem um pé de maçã e uma serpente,
E um sorriso diabólico perverso
Para abrir o apetite do paciente!

E, até, há de maçãs grandes mercados,
Onde astutas serpentes mercadejam
O pomo da discórdia proibido!

O mundo é um Paraíso de pecados,
Cuja rubra maçã todos desejam
Por ser a imagem viva do libido!

III

A tarde que morreu deixou chorando
As estrelas perdidas pelo céu...
E a noite — viúva triste — como seu vêú
Cobriu de luto o mundo miserando!

E este mundo embaçado em densas trevas,
Propicia o pecado e a maldição.



Pois, a ofertar maçãs, as belas Evas
Chegam à guerra por um pobre Adão!

O jardim do universo, um Paraíso
De homens probos, de bem e de juízo
(Vale da Casemira em flor, eterno),

Passou a ser um mundo de desejos,
Eflorescendo em carne os rubros beijos
— Terra de promessa, divino inferno!

IV

Pai Adão, co-autor da rebeldia
Primeira da festiva humanidade...

Pobres dos homens, se inda hoje em dia,
Tivessem que viver em castidade!

Que seria da própria eternidade
Sem bancas de maçãs nos mil mercados
Do instinto, e a represar sensualidade,
Sem débito com Deus por tais pecados!

Com o seu gesto transformou-se Adão,
Diante do tribunal das gerações,
Em um deus do prazer! (E isso o redime!..)

Oh! o latejar do amor no coração!
Oh! os gozos são de instintos e paixões
— Razões da vida e tudo que é sublime!

* Poema tirado do livro, de sua autoria, "Poemas de Humor e de Sarcasmo."

Edmundo Vasconcelos,

Duílio Crispim Farina

Distingue-me a APM ao outorgar-me o privilégio de saudar o eminente prof. Edmundo Vasconcelos em nome da classe médica de São Paulo, missão de reverência e muito apreço, a vulto destacado e insigne da medicina, agora com acréscimos de gratidão perene pelo gesto de magno alcance, doação de 12 mil volumes de sus Biblioteca Científico-Cultural que passa a integrar a Memória Histórica da Ciência e da Medicina desta casa de Rubião Meira e Alberto Nupieri.

Na história mesmo sucinta, e ainda não de todo escrita, do evoluir da cirurgia brasileira, emergem desde logo algumas figuras que não de ficar como norte e pincaro, a iluminarem caminhos da arte de Ambrósio Paré e os desvãos da ciência esculpina.

E dentre essas vidas luminosas, ainda nos dias do Império, mister é recordar o visconde de Sabóia, o barão de Itaúna (Cândido Borges Monteiro), Chapot-Prevost, e os inclitos Mateus de Andrade e Francisco Praxedes Andrade Pertence, artefices estes dois últimos dos atos cirúrgicos, tentativas salvadoras da vida do bardo Castro Alves. Médicos do Paço e das lições de Humaitá e Estero Belaco, artesões da pioneira ligadura da aorta abdominal em nosso meio, à rua das Violas, senhores de técnicas hoje rudimentares e mesmo incipientes, mas galardões doutros, aplauso na Côte e aureolada fama na Província.

Aqui, em Piratininga, o príncipe da cirurgia Arnaldo Vieira de Carvalho, autor da quinta gastrectomia realizada no mundo, líder inconteste dos médicos e fundador da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em sua honra e lembrança chamada Casa de Arnaldo. E depois também João Alves Lima, Antônio Cândido de Camargo e Afonso Régulo de Oliveira Fausto, lentes primazes de cirurgia na Congregação inicial.

Consolidada a escola, mesmo com o precoce desaparecer de Arnaldo, surgem discípulos ilus-

tres que vão contemplar as cátedras com as dimensões e o porte de talentos de escol, e com eles o jovem que se estruturara no Ginásio São Bento, com medalha de ouro, e a prebenda de orador da turma.

Médico pela Faculdade de São Paulo, obteve o título de doutor com a tese "Divertículos do Esôfago", aprovada com grande distinção, e o Prêmio Carlos Botelho, da Academia de Medicina de São Paulo. Dessa legendaria tese é necessário enfatizar que, além de permanecer como paradigma de trabalho científico, módulo de sistemática na elaboração e desenvolvimento de tema, mereceu tais encômios da colenda banca que ao lhe consignar a nota máxima lamentava não poder dar nota maior, fora dos habituais parâmetros.

Era o início predestinado de vãos condoreiros aos ápices escarpados do talento, cultura, erudição e inteligência incomum, tudo a consagrar a figura do mais insigne cirurgião de largo tempo da vida Bandeirante.

Escrevestes em verdade, prof. Vasconcelos, em métrica primorosa:

*mãos que rezam
mãos juntas, que juntas rezam
o infindo rosário
das longas esperanças
e ao colocar tais versos
debaixo de traços que
vos apresentam e aos
vossos auxiliares em ato
operatório, tão de vosso
agrado e enlevo, exprimis-
tistes o vosso mote e
distico, registrastes que
da cirurgia fizestes ato
de fé, esperança, devoção,
conduta de sempre
evoluir, guarecer os ma-
les e afugentar mazelas.*

Príncipe da cirurgia, similitude a Arnaldo, entretanto não vos limitastes aos mistérios de vosso ofício. Infatigável, humanista, também tradutor escorreito de Paul Valéry, recriastes "Cemitério Marinho", em torneios de talento, a pena a terçar como o fizestes com o bisturi, técnicas e métrica, mesmos ofícios que os ritmos instrumentais, poeta, com idênticos mênios de máximo jogral da cirurgia.

Luzes e fulgores. Car-

Arquivo



rossel de feitos e criações. Recordastes Jung, ao afirmar que para compreender o homem, exige-se todo o saber possível e inimaginável sobre o homem. De vosso ensaio, completo e lapidar "Influência da Medicina Francesa na Brasileira", lido na egrégia Congregação da escola do Araçá, emana o esteta e todas as variantes do influxo gaulês nas correntes do pensamento médico da medicina no Brasil.

Soubestes como ninguém equacionar as raízes mediterrâneas de Valéry. Corsos, itálicos, aquecem a formação do filho de Cete, sempre inebriado entre o céu e o mar, a consciência e a alma, na meditação intermínia.

Bem traduzistes:

*Este teto tranquilo, onde caminham pombas
Palpita entre pinheiros e tumbas;*

Compõe-lhe de luz o meio dia justo o mar, o mar sempre recomeçado! Que recompensa após meditação num longo olhar sobre a calma dos deuses!

Sois pertencentes àquela raça de que nos fala um filósofo de Alexandria, a lembrança e citação é vosso, que graças à superioridade das suas forças e à acuidade da sua visão, contemplava o brilho das regiões superiores, procurando elevar-se acima das nuvens e da obscuridade das coisas terrenas, alegre de residir nos domínios da verdade.

Filho destes altiplanos, planalto de Piratininga, aquém de Paranaíplacaba, "montanhês destas montanhas

agrestes da Serra do Mar" (apresentação de vossa fala), paulista e paulistano, ibérico e latino.

Da chácara, morada de vosso progenitor cheia de benesses do bom gosto, lá para as bandas do caminho de Pinheiros, para Emboacava e Parnaíba, trilhas quase, palmilhadas pelos nossos avoengos, veras entradas nas antigas bocas do sertão, tendo como fundo o Jaraguá, altar-despedida das bandeiras, viestes para o mundo da ciência pelas sete partidas das conquistas, para as assomações da glória em todas as Academias, daqui e acolá, das Letras e Ciências, em marcha batida, torreia da vida, para a imortalidade e a glória.

José Geraldo Vieira e Neves Manta já vos traçaram o exato esboço, todos os jornadares e passos da vigorosa marcha. Vibrátil, lúcido, intrépido, a fazer jus às gêneses de Roncesvales, Pau e Santander, chãos de Henrique IV de França e Navarra, biotipo de Roldão, e Duglescin, coroados pelas radiculas e atavismos das Vascongadas onde vossos ancestrais já se destacavam em pejeas infindas, de muita guerra, sem cessações ou aniquilamentos. Não tivesses a prosápia dos Vasconcelos, descendentes, mesmo os do antigo condado portugalense, segundo os fundamentados nobiliários, dos reis de Leão, por D. Fruela, casado com a prima, filha de Sancho Garcés, soberano de Navarra.

Fidalguias, acultura-

ções inatas, mas que se revelam e fillam na disseção cuidadosa da personalidade, do gesto, nas variantes do temperamento e da conduta na diuturna lida.

No perpassar das centúrias, as raízes, o estofio, o cerne vigoroso, as reservas por inteiro transmitidas, a porfia prelibada, a glória já sabida, gens, forças atávicas, despertadas para novas reconquistas, retomada de ceutas e arzálas, covadongas sempre repetidas, e os mesmos ajustes do Salado e das Navas de Tolosa.

Visigodos, celtiberos, suevos, romanos, juntos num cadinho, ressurgem nesta Paulicéia desvalhada e tão amada, mas contudo e apesar de tudo romanescas e bela, pelos gestos de homens da estatura de mestre Vasconcelos. E mais a amantíssima família. Elza, dulcinéia e cornélia, mãe dos gracos; os filhos, florões de acendrado amor, e o lar, ninho de artistas, na via de eleição, Elias Lobo, oent canalizador do belo em tertúlas e encontros, no culto perene da talha, ourivesaria, da louça, da imaginária, das mil facetas e múltiplas cambiantes surgidas de todas as Artes, do lápis, do pincel, do escorepro, do cinzel e do martelo. Último salão à maneira de Medicis e Nassau, a relembrar outros dias, outros valores, civilização e requinte, morada de eleitos, sensibilidade, afeto, amizade, empatias fraternas, prolongamentos derradeiros da Vila Kirial de Freitas Vale e da mansão de René Thiollier, na

avenida dos Paulistas, a Vila Fortunata.

Cirurgião e professor universitário inigualável, douto e invulgar, deixastes discípulos e seguidores, à mancheias; na multiplicação de cátedras, formastes operadores e lentes, vivificastes teses e doutrinas, corporificastes Escola e dimensionastes a Técnica Cirúrgica em nosso meio.

Vigor, pujança intelectual, capacidade assombrosa de programar, delinear, fazer executar, cobrar metas e realizar, marcante personalidade de Chefe de Escola. Formador de virtuosos do gesto, senhores de meios hábeis, rápidos, que levam à plena execução do tempo cirúrgico.

Codificastes vivências e descortino científico em ensaios e compêndios, marcos miliários de uma Via Médica, como "Amputações", "Megaeosófago", "Megacolón", e tantos e outros tantos, e mais ainda...

Dizia-me mestre internacional da cirurgia, em Congresso na Alemanha, Baden-Mergentheim, que ao ver-vos, na maestria das conjunções instrumentais, dir-se-ia presenciar volteios de balé ou coreografia sincrônica. Imprimistes a tudo o dinamismo da própria personalidade. Sem solução de continuidade recebestes o demorado aplauso das gerações ávidas dos tesouros da patologia que tão sabiamente transmitistes. A repetir conceito universal e consagrado o Jornal de Milão "Il Giorno", quando do Con-

m Ático

gresso do Colégio Internacional de Cirurgiões, afirmou que éreis um dos dez maiores cirurgiões da atualidade.

Assentastes para sempre a terminologia e as asserções do "Juramento de Hipócrates", nova e redimensionada tradução da norma original helênica, adaptação perfeita ao dizer atual do milenar texto grego, fundamentado deontológico, norteador da prática médica por tantos séculos.

Cultor do vernáculo, vossa alma recente as fulgurações do vosso eu. "Lembranças por Cantídio de Moura Campos", de vossa lavra, inaugura de forma definitiva um estilo, vasconcelino, redobrado em ênfases e tenências, exórdios e infirmitades. Sois como o mestre que decantastes cuja "perene lembrança nos reobriga", sim, a louvações que nos torna menestrais e trovadores de bem dizer e bem cantar.

As parcas sustas para repouso, não vagares que não os tivestes, passaste-as imerso no universo da vossa biblioteca, com as gemas preciosas dos escarpates, os exemplares destacados da pinacoteca e no estudo de marcas de louças e cerâmicas. Gentil homem, grão senhor, também conhecedor perfeito, a lembrar o inesquecível Leonardo Arroyo e Yan de Almeida Prado, de viandas raras e degustações de vinhos capitosos, e pouco contraditórios, a não ser em adegas renomadas.

Observações rigorosamente elaboradas, completas, minudentes, diagnósticos exatos, indicações precisas, execuções ousadas, mas seguras, inovações de técnicas avançadas, tudo a constituir os ditames de um serviço exemplar, difícil de ser atingido, impossível de ser ultrapassado. Essas as características essenciais de vossa inolvidável enfermária, sempre a trescalhar ordem, disciplina e metodologia.

De vossa estatura, dimensões para o definitivo pedestal da consagração e o bronze, também decorrem vossas qualidades e emulações construtivas: "rememorando-vos, revejo-vos do

banco acadêmico, aonde fui vosso aluno", e lá como "em todos os postos em que servistes honraste-nos, honrando-vos", e à nossa faculdade e à medicina pátria.

Delimitais um tempo, apontais uma época, exornais o apostolado de ensinar. Amastes o belo, venerastes o superior, o sem mácula, contemplastes embevecido o Perfeito. Não destes azo ao vulgar e ao mediocre, não tolerastes o tibio e a incerteza. Fadado a demorar no Olimpo e no Empíreo, forjaste-vos ao lado de Peon, médico dos deuses, favorito de Júpiter, e que ao pôr seus bálsamos sobre as feridas dava ao sofredor a vida eterna.

A vossa existência, por inteira, a passastes nos Jardins de Esculápio, mas vos foi franqueado, com júbilo, por Apolo, o devassar dos sublimes elísios. Não mais retornastes, com o comum dos homens, e a vossa tenda de trabalho, graças aos vossos atributos, fincou-se junto aos montes Parnaso, Helicon, Pêrio, às margens do Hipocrene e do Permesseo.

Por isso sois um Ático, de filiações em Cós, na ilha Tiberina e no Epidauró. A ouvir luminosos acordes, encantado com os festins e as reuniões dos deuses, exercestes as missões de vosso ofício, em cultos de Asclépios, com inexcitáveis práticas que há de ficar na memória dos homens.

Eminente prof. Vasconcelos, neste momento de comorações fraternas e maiores ufanias, a doura, colenda e egrégia APM, relicário dos fatos dos médicos em chãos paulistas, na voz de vosso irmão-amigo, antigo aluno, eterno discípulo e companheiro pelos recessos do sonhar impenitente, vem enaltecer vossa vida e vossa obra e as decorrências de vossa oferta régia que há de permitir a integração em nossa Memória Histórica dos opulentos mananciais, fonte perene de vossa sabedoria.

Ave portentoso príncipe perfeito da cirurgia brasileira! Ave prof. Edmundo Vasconcelos! Gratidão e apreço, Semipiterna presença!

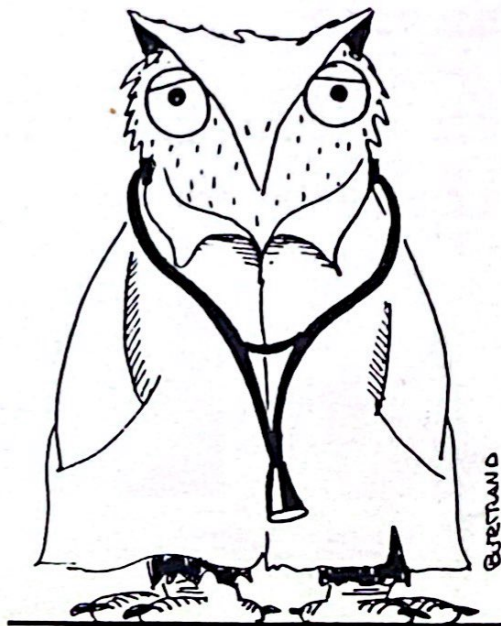
Carlos da Silva Lacer

Meu saudoso e querido mestre prof. Raul Carlos Briquet (1887-1953), catedrático de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina, membro da Academia Paulista de Letras, autor entre várias obras, de "Psicologia Social" (Rio, Francisco Alves, 1935), em seu *Ex-Libris* colocou a figura de uma coruja, o mesmo ocorrendo com Ernesto de Souza Campos (1882-1970), o grande educador, a quem se deve o prédio da "Casa de Arnaldo" e tantos outros empreendimentos de grande significação para a própria vida cultural brasileira. O referido *Ex-Libris*, do saudoso mestre da Obstetria Nacional, eu o encontrei em sua tese de doutoramento: "Da Psycho-Physiologia e Pathologia Musicaes", defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, precisamente a 9 de dezembro de 1910, publicada no ano seguinte, pela Tipografia Modelo, de São Paulo.

No emblema da "Academia Brasileira de Neurologia", por iniciativa do eminente professor Deolindo Couto e do saudoso prof. Oswaldo Lange, figura, também, a coruja, simbolizando a paciência e a ternura (mãe e pai corujas), a prudência e o cuidado que todo o verdadeiro médico deve ter para com o seu paciente na eterna luta do homem contra a doença e contra a morte. Vários médicos possuem ou possuíam em sua casa ou em seus consultórios coleções de corujas, a exemplo de Oswaldo Cruz (1872-1917), Stéfano Porta e José Antônio de Abreu Fialho (1874-1940). Meu grande amigo, o museólogo e técnico em documentação Waldomiro Siqueira Júnior, colocou em seu livro "Haicai" a figura da "única ave que pensa", segundo a autoridade de opinião deste grande brasileiro, a quem a nossa Faculdade de Medicina tanto deve.

Oswaldo Cruz colecionava corujas, o mesmo fazendo entre nós o famoso oftalmologista Abreu Fialho, mestre do saber, de saudosa memória. Sylvio Abreu Fialho, em "Música de Ca-

A coruja, ave da sabedoria, símbolo da Medicina



valinho" (Rio, 1977), refere-nos que, certa feita, levou a Aloysio de Castro, como demonstração de seu apreço a esta grande figura da medicina brasileira, uma coruja de porcelana, da coleção de seu pai. Emocionou-se o eminente professor com esta singela lembrança.

Sabe-se que a coruja enxerga bem no escuro e, no tempo da procriação, o casal trabalha dia e noite, para dar de comer à prole numerosa. Por esta razão, ela tem seu lugar de destaque no simbolismo da nossa tão amada profissão. Aliás, paciência e ternura para com os doentes são virtudes que devem ser altamente recomendadas aos profissionais da área de saúde. Duas grandes figuras da medicina brasileira, nabobos da generosidade, eu as recordo nesta crônica: Miguel Couto e Celestino Bourroul. Ambos excederem-se no cuidado aos doentes, escutando todas as queixas demasiadamente longas e cansativas, formas pelas quais se expressam as mesmas angústias e a mesma revolta, mas para as quais deve sempre haver a mesma receptividade e o mesmo calor humano, o mesmo interesse e a mesma atenção. "O certo é que se chegou, somando descompassos, ao trágico paradoxo de

uma medicina que se aprimora na mesma proporção em que se desumaniza, petrificando-se, ela que, sem calor humano, baseada na bondade, perde a força mística de sua mística razão de ser." O amor solidário, disse com razão o prof. Sylvio Abreu Fialho, será, ainda e sempre, o sentimento redentor de um "bicho da terra tão pequeno", como o pôs em verso o gênio maior de nossa língua.

A Medicina, Miguel Couto a definiu como a segunda mãe da humanidade. Para ele, o lado humano da nossa profissão estava acima de tudo. Sua solicitude para com os doentes era conhecida. Nele tudo era dar, o melhor de si mesmo, ciência e carinho, valendo aos outros em todas as horas, sem olhar a quem, nem conhecer sacrifícios, ensinando, curando, aliviando, consolando, no cuidado do bem que outro não teve.

Celestino Bourroul amou generosamente a Medicina e o enfermo. Nele, disse o prof. Luiz V. Décourt, a caridade foi mais que uma resposta ao apelo do sofrimento; foi iniciativa, norma de conduta, padrão de trabalho, em verdade a única forma de atividade que podia compreender.

As corujas são aves bastante antigas. Sua cabeça é capaz de girar 270 graus. Pertencem às famílias Tytonidae (suindaras) e Stringidae (as existentes no Brasil). De vida noturna, seus ouvidos são verdadeiros "microfones de radar". No Brasil (ver excelente artigo sobre corujas em "Globo Rural", fev de 1988) existem 19 das 143 espécies que ocorrem em todo o mundo. No interior, são conhecidas como "Caburé". Alimentam-se de pequenas cobras, aranhas e ratos, bem como do pardal, sarnhaço e beija-flor. Os ornitólogos Hélio de Almeida Camargo e Werner Bookermann ofereceram seus subsídios para o trabalho em apreço.

Aves da sabedoria, os professores fizeram dela seu maior símbolo, popularizando as figuras de corujinhas de toga, capelo e com diplomas nas asas. Ela dá conselhos aos outros bichos, nos momentos difíceis. Os índios consideram-nas como "aves sagradas". Crendices trazidas da Europa deram às corujas o título de "ave agourenta" (rasga-mortalha).

De olho sempre aberto, sua cabeça é, na realidade, um verdadeiro "posto de observação". Muitas delas fazem seus ninhos nas torres das igrejas (coruja-católica).

Tomando a coruja como um dos símbolos da Medicina, verificamos, então, que é preciso sempre, no exercício da "arte divina" aliar a ciência às aflições dos homens. Para compreendê-lo é necessário o possível e o imaginável. Só desta maneira, ativamente pelas mesmas ambições e perseguindo os mesmos fins, é que a nossa tão amada profissão voltará a ser valorizada. Não há outro caminho a seguir. No amor à Medicina e no pentecostes que ela representa para quem a exerce com dedicação e dignidade, é que se pode compreender o alto papel e a compreensão inteira do ser médico. Disse Paul Le Gendre, com inteira razão: se a curiosidade das moléstias pode fazer o sábio, é o amor ao doente que faz o verdadeiro médico.

Neghme, exemplo de trabalho e solidariedade

João Alves Meira

Amizade leal

Eu e Neghme ficamos amigos desde que cursamos a Tuaine Universidade. Em vista que, naquela ocasião estabeleceu-se primeiro uma amizade muito leal, que ligou sua senhora, dona Maria Echeverria de Neghme, com a minha esposa, viemos também nós dois, a ter uma maior convivência, a qual os dois casais mantiveram por toda a vida. Assim é que Neghme e senhora trouxeram sua filha Verônica para ser batizada em São Paulo pelo casal Alves Meira. Além de nos corresponder todo Natal, sempre que estava em São Paulo e durante os anos que aqui morou Neghme vinha à nossa casa. Em janeiro de 1987 (pela última vez), jantou conosco e apesar de se sentir doente estava sobretudo preocupado com a saúde de dona Maria Neghme.

Foi portanto com muita emoção e saudade que recebi a notícia do seu falecimento em 26 de julho de 1987, em Santiago. Estas lembranças vêm à minha mente agora, em razão da gentileza de sua filha, Lidia Neghme Ruzza, professora de castelhano na Universidade de São Paulo, que me enviou o último livro de seu ilustre pai e um libretto com os discursos proferidos por ocasião de seus funerais e publicados como homenagem do Instituto do Chile e Academia de Medicina.

Neghme era um homem bom, de aparência serena, leal e franco, dizendo sempre o que pensava. Gostava de conversar, sendo sua prosa muito agradável e apesar de sua atitude muito severa, quando se justificava, dava sonorosa e contagiantes risadas. Pai muito extremo de seis filhos, e marido muito dedicado, foi querido por todos os amigos e aqueles que o conheceram, os quais sentem ainda a sua grande falta. O currículo de Neghme é notável. O exame e sua análise pormenorizada não podem ser feitos em tão poucas linhas. É um currículo vital complexo e dessa forma a ele aludiremos só de modo superficial.

Além de seus múltiplos títulos (nos referimos só a alguns), o currículo expõe a sua atividade científica, educacional médica e contém mais de trezentas publicações, a maior parte de sua autoria ou em colaboração. Neghme teve uma atividade científica constante e contínua desde 1936. Inúmeros trabalhos versam estritamente sobre parasitologia médica podendo-se citar por exemplo, além do livro "Parasitologia Clínica" em que colaborou com A. Atlas (Editorial Intermédica, Buenos Aires, 1979, 542pp.) os que tratam da amebíase, toxoplasmose, hidatidose, tri-



Divulgação

quinose, malária, tripanosomíase (moléstia de Chagas) e muitos outros.

As publicações

Vários estudos foram dedicados especialmente aos aspectos peculiares das parasitoses do Chile. Grande número de suas publicações versam sobre a importância e relações das parasitoses com a saúde pública, o que constituiu uma das suas preocupações (Reflexiones sobre la medicina y la salubridad en Chile - Livro - Imprenta Universitaria, Santiago, Chile, 1950). O seu interesse pela educação médica ficou refletido em numerosos trabalhos, conferências, comunicações às sociedades científicas e em livros como: "Problemas Universitarios Contemporaneos. Análisis Crítico" - Editorial Universitaria, Santiago, 1983, 157pp. "Educacion Medica en Crisis. Recados para los universitarios" - Editorial Universitaria, Santiago, 1987, 228pp. "Hacia ideales culturales y Universitarios" - Editorial Universitaria, Santiago, 1986, 183pp.

Paneirista, Neghme dedicou vários de seus trabalhos a figuras eminentes da ciência médica. Juan Baptista Grassi (em 1955 e 1964); Daniel Alcides Carrion (1958); Marcos Macuad (1962); Carlos Finlay (1962); Carlos Lobo O'Neil (1964); Albert Schweitzer (1965); Cristóbal Espildora Luque (1965); Lorenzo Sazie (em 1965 e 1966); Andrés Bello (1965); Alfonso Laveran (1967); Carlos Chagas (1970); Juan Noé (em 1973, 1976 e 1983); Jorge Roman (1977); Hernani Alessandri Rodriguez (livro - Editorial Universitaria, 1982, 157 pp), encerrando esta série de publicações com o livro "La obra literaria dos médicos chilenos", Editorial Andrés Bello, Santiago, 1984, 257 pp.

Na última vez que estivemos juntos, como disse, em janeiro de 1987, Neghme perguntou sobre o livro de meu pai: Médicos de outrora: impressões pessoais, Rubião Meira, 1937. Sabendo que o mesmo estava esgotado, solicitei xerox do volume em meu poder, uma vez que ele estava interessado em conhecer a obra literária em maior extensão dos autores brasileiros.

Não é possível num limitado espaço resumir a obra "Precursores de la Medicina Ibero Americana, Bogotá, Colombia, 1987 - livro de 205 pp (Editora Guadalupe Ltda), que Neghme nos legou por último. É trabalho que interessa a todos os que cultivam a história da medicina, pois é um repertório de biografias, conceitos, comentários oportunos e de muito instrutivos conhecimentos com que seu autor mostra a sua cultura médica geral e humanística. Sua leitura portanto se impõe e nossa intenção nessa resenha de seus trabalhos é despertar a atenção dos nossos estudiosos para este livro de Neghme que sob alguns aspectos é estimulante e nos traz uma mensagem de otimismo.

O livro é dividido em vários capítulos. No primeiro capítulo o autor trata dos pioneiros da saúde, iniciando com o ensaio sobre Carlos J. Finley e a febre amarela, a que se seguem Osvaldo Cruz no centenário do seu nascimento 1872-1972; Carlos Chagas e a doença que tem seu nome; Daniel Alcides Carrion, um mártir da medicina depois; por fim Rafael Rangel, um precursor da investigação básica e sua aplicação aos estudos médicos.

No capítulo segundo, intitulado dos paradigmas médicos, figuram Bernard Houssay (1887-1971), Prêmio Nobel (1947) e educa-

dor médico; Luis Patino Caramo, um quixote da saúde pública da Colômbia e um exemplo para a América, Egidio S. Mazzei, clínico exímio, humanista e educador, Honório Delgado e Alberto Hurtado, unidos na defesa da educação médica no Peru.

No ensaio sobre a renovação médica da Venezuela, analisa a obra de José Maria Vargas, Luis Razzetti Santos, Anibal Dominici e José Gregório Hernandez. Um estudo sobre Hernani Alessandri que foi seu mestre de clínica, como clínico eminente e educador merece destaque pelos conceitos, pensamentos e características de sua personalidade que como médico e educador Neghme exaltou com a justificada admiração de um discípulo.

Ensinaamentos válidos

Encerra o capítulo o trabalho sobre Ignacio Chaves (1897-1979), pioneiro da cardiologia ibero-americana e insigne educador universitário. É digno de nota que a inclusão de Houssay, Mazzei, Alessandri e Chavez nos faz lembrar que estes homens de ciência, pelo seu saber, ainda ontem e nos nossos dias, influíram na formação de várias gerações de fisiologistas, pneumologistas, clínicos e cardiologistas, não só em seus países de origem como em várias outras partes do mundo. E embora tenham ingressado na história recente da medicina pelo que produziram no passado, seus ensinamentos ainda são sob muitos aspectos válidos contemporaneamente.

Compõem o capítulo terceiro do livro os temas: "A educação médica no âmbito internacional", "A Federação Panamericana de Associações de Escolas de Medicina"; "Influência da medicina francesa na Iberoamérica"; "Alan Gregg da Fundação Rockefeller e seu pensamento na educação", assuntos que são lidos com grande proveito. Destaco nesse capítulo a criação de um sistema Interamericano de comunicações e a Bireme a que Neghme deu todo seu empenho, desenvolvendo um trabalho profícuo, cumprindo as finalidades, propósitos e projeção da entidade (Bireme) que ele dirigiu. Como incentivador de

trabalhos no campo educacional médico, amante do progresso tecnológico, com o apoio dos patrocinadores da unidade que dirigia, procurou dar expansão por toda América Latina das organizações similares, de modo a propiciar a comunicabilidade científica entre várias áreas do conhecimento humano, na qual depositava seu idealismo, confiança e crença. Por sua atuação à frente da Bireme, a Escola Paulista de Medicina lhe conferiu o título de professor Honoris Causa.

Foi entretanto com certa mágoa que Neghme registrou: "faltou consciência entre os dirigentes universitários em geral, e, em particular, aos profissionais da saúde e educação médica a propósito da importância da informação científica para o avanço científico da criação intelectual e a educação continuada dos profissionais universitários". Mas logo a seguir assinalou: "somos otimistas a respeito e confiamos que, progressivamente, os dirigentes universitários, tanto a nível nacional como internacional, queiram impulsionar a criação e fortalecimento deste pilar fundamental para promover a criação científica original e o progresso cultural e social dos países".

No último capítulo do livro, Neghme trata do humanismo médico e o cultivo das letras por médicos ibero-americanos, cuja leitura traz sobre o assunto informações muito interessantes. O médico como profundo conhecedor da alma humana, com sua sensibilidade pelas mazelas e traumas que a vida arma para as criaturas, pelo contato constante com a dor física e o sofrimento moral alheio, é na verdade o profissional mais preparado e de maior propensão para o exercício literário e, em particular, para a literatura de ficção e histórica.

Enumerado como foi o teor do livro de Neghme resta-nos recomendar a sua leitura para que se possa aquilatar da personalidade de escol de seu autor, sem dúvida um grande professor, cientista, educador e humanista. Na verdade a vida de Amador Neghme foi um exemplo de trabalho, sadio idealismo e solidariedade humana.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kleber Canova

Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Gêdio Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural
Heber Maia de Mattos - Música

Nelson Pedral Sampaio
Wanda Gonda

Pinacoteca